
PRÁTICAS DE ESCRITA NO CARIRI CEARENSE: UM ESTUDO DE CARTAS CATÓLICAS

Paula Cristiane de Lyra Santos
Universidade Regional do Cariri
paulalyrasantos@gmail.com

Em trabalho defendido, no programa de Educação da Universidade Federal do Ceará, intitulado *Católicos no Cariri: embates em torno da formação cristã (1860-1965)*, utilizei diversas fontes documentais, entre as mesmas um tipo que se destacou foi a carta. O volume de cartas que circularam e que estão preservadas, na Região do Cariri Cearense, é bastante significativo. Em boa parte do tempo histórico abordado, esta foi a principal forma de comunicação escrita feita à distância, onde se podia expressar opiniões e desejos.

A comunicação nem sempre se dava, nem se dá, entre o remetente e o destinatário, pois apesar de que a carta viesse a ser escrita, entre o momento da remessa e da chegada da mesma ao destino, acontecimentos diversos podiam vir a interromper a comunicação. De qualquer maneira, a maior parte das fontes conservadas foram aquelas que chegaram aos seus destinatários, e que passaram a fazer parte de um arquivo.

No estudo em questão, vi cartas serem trocadas por membros da Igreja Católica em várias ocasiões. Membros do clero, em vários momentos trocaram correspondências entre si. Correspondências não foram trocadas apenas pela hierarquia, alguns devotos também se corresponderam com membros do clero. Boa parte dos documentos que tratam de eventos locais, como, advém de correspondência, oficial.

Evento famoso, nos registros históricos da Região, e que tem como fonte principal uma carta, é o da cessão das Casas de Caridade do Ceará, pelo Padre Ibiapina, ao primeiro bispo do Ceará, Dom Luís Antônio dos Santos. Por outro lado também, são conhecidas as diversas cartas trocadas entre o Padre Ibiapina e as mulheres que dirigiam as Casas de Caridade, as Superiores. Algumas delas inclusive encontram-se publicadas no jornal *A Voz da Religião no Cariri* (1868- 1870), periódico que tinha como um dos seus objetivos divulgar a obra do referido missionário.

Não pude tratar aqui dos conflitos que geraram o momento em que a impossibilidade da coordenação do Padre Ibiapina, em relação as Casas de Caridade no Ceará, se constituiu. Porém, por serem as Casas de Caridade construídas e mantidas, com o apoio material de proprietários rurais, comerciantes, funcionários públicos, e também com o trabalho dos

setores populares, das localidades onde eram instaladas, não foi adotado pelo bispo Dom Luís, pelo menos à princípio, a simples desmontagem do complexo assistencial.

O que na verdade se materializou, no ápice do processo de desentendimentos entre o bispo Dom Luís, e o padre Ibiapina, como solução conciliatória para o caso, foi a transferência das referidas Casas de Caridade para a alçada do bispado do Ceará. Este evento é principalmente subentendido, a partir da análise de uma *Carta de Despedida* escrita pelo referido missionário, à madre superiora da Casa do Crato, e desta se pode inferir que Dom Luís “... pediu à Ibiapina que renunciasse à direção das casas de caridade.” (DELLA CAVA, 1976, p. 37).

Ainda quanto a importância deste tipo de veículo de comunicação, durante o século XIX, dentro da obra de Ibiapina, pode-se indicar que o mesmo utilizou cartas para normatizar os próprios procedimentos administrativos das instituições que tinha que supervisionar à distancia, quando se viu impedido de se locomover entre as Casas, em parte pela idade avançada, e em parte por acometimento de algumas enfermidades que terminaram o deixando prostrado. Parte das correspondências enviadas pelo mesmo de Santa Fé¹, tratam de assuntos diversos, chegando inclusive ao detalhamento de orientar a própria forma das correspondências entre este e as administradoras das Casas.

Quero dar-lhe lição para escrever-me. Não conte história, poucas palavras bastão. Vae um modelo: Meo Pai: Por bondade de D.s. vai sem novidade a Casa apenas tem F. doente, ou faleceo F. Os trabalhos vão regularmente, etc. Falta, ou não falta, o necessário, e tal coiza nos he necessária. Nada de extraordinário ocorreo sobre isto ou aquilo. Todos temos saúde e pedimos abençoar, etc. É este, pouco mais ou menos o estilo, fazendo-me conhecer o estado da casa, e ocorrência desta. (In: MARIZ, 1942, p. 314).

A escrita orientada para este formato acima indicado, além de tentar uniformizar as correspondências, sinal de preocupação com o próprio processo administrativo, e com certa dose de burocratização das instituições, pode indicar também que por determinadas atribuições serem delegadas a nível local a pessoas como, por exemplo, as superiores, os assuntos a serem comunicados a Ibiapina deviam ser de determinada ordem, como as acima indicadas: sobre a produção, abastecimento, saúde, falecimento, necessidades gerais, que poderiam vir a ser atendidas pelo mesmo.

O cotidiano confessional de uma instituição feminina disciplinar deveria ser controlado, dentro da própria instituição. Para quê sobrecarregar o Padre Mestre Ibiapina com informações sobre determinadas questões sobre as quais a princípio deveriam agir as próprias

beatas e a Superiora? Esta poderia ser a perspectiva do dirigente, mas não era de forma alguma a perspectiva gerada a partir da subjetividade feminina.

A escrita feminina endereçada aos superiores institucionais, a que tive acesso trazem uma grande dose de respeito à autoridade, uma autoridade não entendida dentro de uma rede de procedimentos institucionais e administrativos, mas um respeito a uma autoridade paternal. Onde o superior imediato, sendo do sexo masculino é identificado como o pai da família congregada, e portanto o detentor do pátrio poder sobre a mesma. As mulheres não se expressam na correspondência como autônomas, mas sempre esperando a orientação do pai, para não cometerem erros, e não os decepcionar. Não escrevem para prestar contas do exercício de funções delegadas, mas principalmente para terem orientações espirituais e temporais que sejam, não só os nortes de suas práticas, mas se possível as diretrizes das mesmas.

Para melhor esclarecer esta afirmação, vou me reportar ao processo através do qual, foi instituída a primeira congregação feminina na Região, *Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, no ano de 1923*. Para perceber a importância desse tipo de estratégia comunicacional, a carta, vou tratar de um momento anterior à própria criação da congregação, ou seja o da vida não congregada, da sua primeira madre superiora, a futura madre Ana Couto por um lado, e por outro lado, a orientação dada à mesma pelo então padre da Igreja Matriz do Crato, o futuro primeiro Bispo do Crato, Dom Quintino (1916).

Vale a pena lembrar que a produção das cartas que serão aqui tomadas como fontes para esta reflexão foram escritas entre uma devota interessada em se ordenar oficialmente na Igreja Católica, e o seu orientador espiritual, estando os dois separados por cerca de 60 quilômetros de distância, um em Jardim e outro no Crato. Sendo que no início do século XX isto significava uma distância a ser percorrida à cavalo por caminhos não muito seguros, passando ainda pelo município de Barbalha.

No ano de 1923, especificamente no dia 16 de janeiro, o então já Bispo Dom Quintino envia uma carta à Ana Couto, a qual trata carinhosamente de Naninha Couto, este era o seu orientador espiritual desde o ano de 1909. Inicia esta correspondência se referindo ao envio de uma carta anterior através da portadora Chiquinha Piancó, informando sobre o recebimento de duas cartas da mesma e tratando também “... do resultado negativo das minhas diligências para adquirir religiosas para a fundação de um Colégio aqui², e indagando qual o seu pensamento ou intenção, agora, relativamente à sua antiga aspiração de se dedicar

exclusivamente ao serviço divino...” (DOM QUINTINO In: Sobreira, 2006, p. 137). A referida carta tinha se extraviado e como não recebera notícias por parte de Ana Couto pensava notar pouco interesse da parte da mesma.

Já no dia 23 de janeiro, o Bispo envia uma nova carta a Ana Couto, nesta informa ter recebido a carta que a mesma enviara, na qual informava que não havia lhe dado resposta por não saber do que o referido Bispo tratava em sua carta que havia se extraviado. Nesta nova correspondência o Bispo Dom Quintino repete as informações que já tinha enviado anteriormente, informa que falhou o acordo que tinha feito com a provincial das Ursulinas, em julho de 1922, e que estabelecia que estas viriam se instalar em Crato em janeiro de 1923. “Este insucesso, que me contrariou, reavivou em meu espírito aquela idéia, que já tive ocasião de lhe expor, e que já não havia realizado porque convinha esperar, tentando primeiro outra solução, isto é, a instalação de uma Congregação aqui.” (DOM QUINTINO, In: Sobreira, 2006, p. 139).

Diante das tentativas frustradas, o Bispo Dom Quintino decide então fundar a Congregação com a colaboração de Ana Couto e “... mais algumas moças piedosas, duas, três ou quatro, que me parecem animadas do espírito de Deus.” (DOM QUINTINO, In: Sobreira, 2006, p. 139). O colégio a ser fundado a partir do projeto de Dom Quintino, teria diretoras externas e colaboradoras para o ensino das alunas. A administração interna, porém ficaria a cargo das religiosas “... que não é necessário que sejam instruídas para o desempenho de sua missão, bastando apenas que tenham espírito.” (DOM QUINTINO, In: Sobreira, 2006, p. 140). O Bispo Dom Quintino pede que Ana Couto lhe responda “guardando reserva”, muito provavelmente para não criar mais polemica em torno do caso, e o que demonstra também a funcionalidade deste tipo de comunicação, que podia ser tomado inclusive como de caráter sigiloso.

Por outro lado, no processo de consagração da futura Madre Ana Couto, tentativas frustradas estão relatadas em cartas. O percurso individual de Ana Couto, também foi perpassado de experiências frustradas, em relação ao projeto da mesma de vir a se tornar membro de uma congregação religiosa feminina. Por isto que, ao se dirigir à Ana Couto nas cartas acima citadas, o Bispo Dom Quintino pergunta a mesma, se ela ainda tinha interesse de vir a se ordenar.

Voltando um pouco no tempo, em carta que consta do *Memorial Ana Álvares Couto*, publicado por ocasião dos cem anos do nascimento da mesma³, e datada de 4 de março de

1914, o então Mons. Dom Quintino, vigário do Crato, se refere ao recebimento de várias cartas da parte de Ana Couto. Este não enumera quantas, mas diz não ter podido responder a todas por conta das suas atividades diárias, e não por falta de interesse nos assuntos que elas tratam. Inclusive diz textualmente: “... Confio, pois, que me desculpará, acreditando que não me é indiferente a sua vida espiritual.” (DOM QUINTINO, In: CFSTJ/Memorial, 1984, p. 12).

Como conselho central desta carta está a seguinte passagem:

O que lhe devo dizer é que é preciso, depois de ter esperar tanto, continuar a esperar sempre. O segredo do futuro é – crer e esperar, e enquanto se pode suppor que Deus assim o quer, fora também, pois não é para o mal, é necessária abandonar-se inteiramente à sua santíssima vontade, pronta para servi-lo e amá-lo onde e como elle quizer: aqui, ali, acolá; nesta ou naquella condição; como religiosa ou como secular, no claustro ou na casa paterna. (DOM QUINTINO, In: CFSTJ/Memorial, 1984, p. 12).

Esta passagem acima transcrita se refere a um tempo de espera já considerado longo onde Ana Couto tentou se consagrar. O então Monsenhor Quintino, vigário do Crato observa que esta não deve esquecer o fator divino nos acontecimentos humanos e respeitar a vontade do mesmo pronta para servi-lo e amar “... aqui, ali, acolá.”. A condição na qual a mulher serve a Deus pode variar, pode ser no claustro, mas também na casa paterna, e porque não dizer em sua própria casa como mãe cristã, ao lado do marido? Esta opção não se colocou aparentemente na perspectiva de Ana Couto, que cedo já se compreendeu com vocação para a vida religiosa. Monsenhor Quintino lembra que “A regra para fazer tudo para maior glória de Deus em toda parte deve ser observada. E assim terá você feito tudo, se mais além não lhe for possível chegar.” (DOM QUINTINO, In: CFSTJ/Memorial, 1984, p. 12).

O que pude compreender também em relação a história devocional, das mulheres na Região do Cariri cearense, é que o caso Ana Couto é representativo da transição que se dá do tipo de consagração buscado pelas mulheres na Região. São três situações: beata de Casa de Caridade (ex. Padre Ibiapina); beata do século, ou seja, não reclusa (ex. Padre Cícero, e outros padres); e mulher canonicamente consagrada. Ana Couto, fez a opção para entrar para o terceiro modelo de vida devocional. Não foi atraída para nenhum dos dois primeiros, que entre o final do século XIX e início do século XX, foram contemporâneos, como pude demonstrar no meu trabalho de tese.

Como se constituir em uma religiosa consagrada de forma oficial na Igreja Católica em uma Região onde não existiam instituições destinadas para tal fim? A busca por uma

ordem religiosa por parte de uma mulher com um perfil um pouco diferenciado do que era o concebido pela maior parte das ordens femininas que se instalavam no Brasil, a partir da Europa era difícil. A futura Madre Ana Couto antes de ser co-fundadora da Congregação de Santa Teresa de Jesus, fez outras tentativas de ingresso em outras ordens femininas. Assim, o percurso individual de Ana Álvares Couto (Naninha) pode fornecer elementos para compreender a complexidade deste mundo de vidas consagradas.

Ana Couto nasceu em 30 de janeiro de 1885, e seus pais residiam no município de Jardim, em um sítio chamado de Engenho d'água. A recém nascida foi batizada pelo Padre Joaquim de Sá Barreto em 8 de março do mesmo ano. Já no ano de 1893, recebeu o sacramento da crisma, e em fevereiro de 1894, recebeu a sua primeira Eucaristia, das mãos do Padre Miguel Coelho de Sá Barreto. A primeira formação cristã da menina foi dada em casa pelos seus próprios pais como era usual naquele tempo, uma formação cristã familiar.

Como outros elementos, que fazem parte desta experiência cristã, nos primeiros anos de vida de Ana Couto, se pode apontar a partir de suas notas íntimas, que foram consultadas pelas organizadoras do *Memorial*, que a sua devoção preferida, era ao Sagrado Coração de Jesus⁴, que estipulava determinados procedimentos, que obrigava Ana Couto a, quando o vigário de Jardim estava ausente, viajar a cavalo à Barbalha ou ao Crato, para cumprir a sua devoção, na primeira sexta feira do mês, para poder assim freqüentar uma missa e comungar.

As anotações que servem como fonte parcial, para a produção do memorial, devem ter sido escritas por Ana Couto, em uma idade mais avançada. Como só tivemos acesso a estas informações pelo *Memorial* já publicado, não pude precisar nem a datação, nem o contexto da produção das *Anotações*. Pude deduzir isto, pois ao informar que aos 15 anos tinha ocorrido um desvio em sua piedade fala no passado, concluindo que não tinha vivido bem aquela fase já que tinha atendido "... aos meus sentimentos de vaidade, aos prazeres a que a minha natureza era inclinada. Foi uma verdadeira tempestade que me causou grandes prejuízos: orava e freqüentava os Sacramentos, mas de modo frio e indiferente!" (MADRE ANA COUTO, In: CFSTJ/Memorial, 1984, p 17).

Esta memória da Madre Ana Couto, pode remeter os que a analisam para várias questões. Aqui acho interessante retomar alguns aspectos pertinentes tanto à formação cristã feminina, quanto à possibilidade da vivência da religiosidade de forma diferenciada por uma mesma pessoa em fases diferentes de sua vida. A formação cristã feminina, quando se dando no século, contava para ser bem sucedida com o concurso da família da menina e da moça.

Ana se refere à severidade do pai, como um dos principais fatores que a impediu de se desviar, ou seja, reconhece a importância desta presença paterna, e porque não dizer também materna, na formação de um habitus bem sucedido.

A mudança da prática de experiência na juventude de Ana Couto é expressa no sentimento diferenciado que esta diz experimentar, ao frequentar os Sacramentos. No momento de crise a experiência é descrita como fria e indiferente. Como teria sido anteriormente em sua infância e início de juventude? Muito provavelmente de forma contrária a que descreve neste momento conturbado: com paixão e de forma interessada, engajada. A simples frequência aos Sacramentos não pode ser apontada como índice seguro de religiosidade, de forma geral e muito menos da feminina, já que é este avivamento, este exacerbamento, esta intensidade, uma das características culturais que são apontadas como expressivas da forma de viver a fé por parte das mulheres. E é exatamente este parâmetro a que se está referindo, a Madre Ana Couto, para analisar a mudança em sua experiência de juventude.

Um choque emocional, porém trouxe Ana Couto de volta para o rumo da religiosidade engajada. No ano de 1902, quando contava exatamente com 17 anos de idade um tio da mesma faleceu. As condições do evento fatídico não são explicadas, mas o mesmo teria agido sobre a psique da jovem Ana Couto já que esta morte lhe "... falou profundamente da brevidade da vida e do nada dos bens terrenos." (MADRE ANA COUTO, In: CFSTJ/Memorial, 1984, p 17). O trauma trás de volta Ana Couto a seara da religiosidade militante, e esta busca então desenvolver ainda mais este engajamento, que passaria então para a vontade de congregar-se em uma associação de mulheres consagradas oficialmente.

Após tomar o Padre Dom Quintino como orientador, vigário do Crato no ano de 1909, Ana Couto lhe confiou o desejo de ordenar-se, e tendo escolhido para tanto a *Companhia das Filhas da Caridade*, mas os pais da mesma se mostram contrários a este projeto o que termina por inviabilizar o mesmo. Após a morte do seu pai em 1915, Ana Couto escreve para a superiora das Filhas de Caridade, que não permite o seu ingresso por considerar que esta já tinha uma idade avançada. Não desiste, e faz contato com várias congregações tendo sido chamada no ano de 1921 pelo Convento da Glória de Recife.

Após passar por experiências em algumas congregações e falar com o seu então confessor em Recife, um carmelita, preparasse para voltar ao Cariri. Espera ainda um mês que alguma família conhecida se apresente em viagem para o Ceará. Retorna inicialmente para

Fortaleza a bordo do vapor Santos e daí para Jardim. Após 11 meses de ausência está de volta a sua casa e junto de seus familiares. Retoma antigas atividades junto às associações religiosas locais e ensina catecismo as crianças. A esta altura tinha Ana Couto cerca de 40 anos, mas ainda não tinha deixado de lado a sua idéia de vir a ingressar em uma instituição religiosa.

Assim as tentativas frustradas, do Bispo Dom Quintino, de atrair uma Congregação já constituída fez com que ele resolvesse fundar uma congregação a nível local. O conhecido desejo pelo mesmo, de Ana Couto de ordenar-se, não só a partir do contato pessoal, como da comunicação através das cartas, leva a que o Bispo a tome como uma das suas principais colaboradoras. Ana Couto, depois de deixar Jardim apenas em poucos momentos pode retornar a sua cidade natal. Mesmo na ocasião de morte da sua mãe, no ano de 1932 não pode comparecer ao seu velório, pois estava em reunião com o Arcebispo de Fortaleza. Mais uma vez tem-se a possibilidade de ser conhecer a funcionalidade da prática de escrita das cartas, já que de longe, continua a zelar pela moralidade da família através de um sistema de envio de cartas, e as sobrinhas e primas que eram internas na Congregação, ou no Colégio, acompanhava de forma especial, através de reuniões noturnas onde após avaliar as faltas determinava os procedimentos a serem adotados para as corrigir.

NOTAS

¹ Santa fé, distrito de Solânea, localizada no Agreste paraibano. Ibiapina aí residiu entre os anos de 1876 e 1883, ano de sua morte. Ver: <http://martinhoalves.blogspot.com/>; acesso em 17.09.2010.

² Antes de criar a Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, Dom Quintino tentou atrair para a Região tanto as Ursulinas, quanto as Dorotéias (Mesquita, 2003 & Sobreira, 2006).

³ Ana Álvares Couto nasceu no dia 30 de janeiro de 1885 no Sítio Engenho D água, Jardim, e faleceu em 02 de fevereiro de 1947.

⁴ A devoção ao Sagrado Coração de Jesus foi uma das pontas de lança da introdução do catolicismo romanizado no Brasil. Tinha como principais características "... a vinculação sacramental, a hegemonia clerical, o estímulo à santidade e à instituição eclesiástica" (FORTI, 1999, p. 86)

BIBLIOGRAFIA

CONGREGAÇÃO DAS FILHAS DE SANTA TERESA DE JESUS. **Esboço das Constituições da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus (1929)**, Crato: Gazeta do Cariri, 1929.

_____. **Memorial Ana Álvares Couto: 1885-1985**, Fortaleza: Henriqueta

Galeno, 1984.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

DUMOULIN, A. Guimarães & FORTI, Maria do Carmo Pagan (Ed.). **Anais do III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero do Juazeiro: e... quem é ele**, 18 a 22 de julho em Juazeiro do Norte, Ce, 2004, 286p.

FORTI, Maria do Carmo Pagan. **Maria do Juazeiro: a beata do milagre**, São Paulo: Annablume, 1999.

MESQUITA, Terezinha Vale. **Em nome de Deus: Dom Quintino e Madre Ana Couto e suas trajetórias espirituais num contexto de turbulência econômica, política e social**, Crato: Departamento de História/URCA, 1999, 47 p., (mimeo), p.29.

PINHEIRO, Irineu. **O Cariri: seu descobrimento, povoamento, costumes**, Fortaleza: s.e., 1950.

PINHEIRO, Irineu. **Efemérides do Cariri**, Fortaleza: Imprensa Universitária, 1963.

SANTOS, Paula C.L. **Católicos no Cariri: embates em torno da formação cristã (1860-1965)**, Fortaleza: UFC/DE, 2009, 494p., (tese de doutorado).

SILVA, Antenor. **Cartas do Padre Cícero (1877-1934)**, Salvador: Salesianos, 1982.

SOBREIRA, Pe. Azarias. **O Primeiro bispo de Crato: Dom Quintino**, Fortaleza: Expressão Gráfica e editores Ltda., 2006.